

HISTÓRIA

POLÍTICA

A DEPRESSÃO DO PODER

SARNEY CONFESSA, NO LIVRO DE MEMÓRIAS QUE PREPARA, A SOLIDÃO E O MEDO DE ASSUMIR A PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA ANTES MESMO DA DRAMÁTICA MORTE DE TANCREDO. AS INCERTEZAS SOBRE O FUTURO DA NAÇÃO O ANGUSTIAVAM

MARCELO ROCHA
DA EQUIPE DO CORREIO

Na noite de 14 de março de 1985, o apartamento 406 do bloco G da SQS 309 estava apinhado de gente de todos os cantos. Familiares do Maranhão, de Pernambuco, da Paraíba e do Piauí viviam o frenesi dos momentos que antecediam a reinstalação da democracia no Brasil. O anfitrião, no entanto, estava mergulhado em angústias. José Sarney sofria de depressão: "Era uma solidão que não passava, uma dor insidiosa na alma que me levava a pensar recorrentemente na morte e nas fontes da vida". E tinha medo da Presidência.

Sarney confessa esses sentimentos no livro de memórias que rascunha há alguns anos e ainda sem previsão de lançamento. O Correio

teve acesso aos primeiros relatos, datados ainda do início desta década, e nunca revelados. O esboço refaz parte da trajetória do vice-presidente tornado presidente com a morte de Tancredo Neves. Dos bastidores que lhe garantiram a posse em 15 de março ao desafio de comandar a nação frente à heterogeneidade de forças políticas reunidas em torno do novo governo.

O texto mostra não só um homem em batalha institucional, diante das incertezas sobre os rumos da nação, mas um político em franca luta pessoal. "A depressão, em períodos alternados, me fazia mergulhar numa grande solidão, exigia de mim um esforço gigantesco para cumprir as tarefas do dia-a-dia, perturbava o meu sono, desorganizava minha capacidade de fixação e me fazia um ser infeliz", descreve.

Sarney se mostrava descrente com o posto para o qual fora escolhido. O maranhense se considerava um coadjuvante da história a caminho de um "cemitério de elefantes", como julgava ser a Vice-Presidência da República. Segundo ele, vice não opinava, não falava e, quase sempre, era um candidato preferencial a inimigo do presidente, pelas intrigas e suspeições que rondam esse relacionamento.

Sem brilho

O ex-presidente narra um pouco mais da angústia vivida na época ao falar da despedida do Senado em 14 março de 1985 — Casa para a qual ele retornou em 1991 e onde está até hoje. "Naquela tarde subi à tribuna carregado dos meus fantasmas. Era um discurso mais de um senador sem brilho do que de um vice-presidente do governo que iria encerrar o ciclo revolucionário e restaurar o estado de direito no país", conta. Foi logo depois desse discurso, ainda no Congresso Nacional, que o até então senador se deparou com o turbilhão que o arastaria para a cadeira do gabinete principal do terceiro andar do Palácio do Planalto.

Ao deixar o plenário, relata ele, Sarney seguia pelo Túnel do Tempo, elo entre o prédio principal do Senado e o anexo onde funcionam os gabinetes dos parlamentares. Naquela imenso corredor, onde painéis fixados nas paredes contam a história política brasileira, o vice-presidente eleito sentiu uma mão lhe segurar o braço: — Quero falar-lhe a sós — disse a pessoa, com voz que lhe pareceu um tanto familiar. Era o médico da Câmara e amigo Renault Mattos Ribeiro, com notícias sobre a doença de Tancredo.

A VÉSPERA

"Não tive a curiosidade de ir à televisão e assistir aos noticiários com especulações sobre a posse e a doença de Tancredo. Dentro de mim crescia um grande temor. Eu não estava psicologicamente preparado para aquele impacto. Ainda estava deprimido, maximizando todos os acontecimentos, construindo hipóteses trágicas, tendo uma leitura negativa de tudo que acontecia comigo. Não me encontrava com forças para enfrentar o destino e dizer-lhe: "Bem, se é assim, vamos jogar o seu jogo".

O MEDO

"As lágrimas desciam levemente em meu rosto. Visivelmente, eu não estava curado e, imóvel, fugi do centro das decisões, recolhido, como que acuado, preso naquele pequeno escritório, enquanto ferviam no Congresso e em todos os lugares a discussão e a luta pelo poder. Minha recusa era uma fuga. Eu tinha medo. Na minha cabeça estavam milhões de brasileiros olhando-me e apupando-me como o grande usurpador, que, por maquiavelismo, fizera tudo, rompera com o PDS e agora, ajudado pelas forças do imprevisto, arrebata a Tancredo a glória desse dia."



Seija Rego/Rubobrás 15/3/85

A POSSE

"No dia 15 de março de 1985, quando tomei posse no cargo de vice-presidente da República e imediatamente me investi no exercício da Presidência, a depressão que me acompanhava havia dois anos ainda não havia passado. Este foi um segredo que jamais vazou e este fato me faz ter um profundo respeito pelo caráter e pela ética profissional do médico que me assistiu. A depressão, em períodos alternados, me fazia mergulhar numa grande solidão, exigia de mim um esforço gigantesco para cumprir as tarefas do dia-a-dia, perturbava o meu sono, desorganizava minha capacidade de fixação e me fazia um ser infeliz."



Seija Rego/Rubobrás 15/3/85